



EXTENSÃO INTERDISCIPLINAR NAS PRÁTICAS DE CUIDADOS – CENOPOESIA E AQUARELA NA SAÚDE MENTAL.

Midiã Kaddja Nunes de Souza¹, Maria Aridenise Macena Fontenelle²

¹ Graduanda do curso Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal Rural Do Semiárido – UFRSA, Mossoró. E-mail: midia_mk@live.com).

² Docente do curso de Engenharia Civil, Universidade Federal Rural Do Semiárido – UFRSA, Mossoró. E-mail: aridenise@ufersa.edu.br.

Resumo:

A extensão é onde a comunidade acadêmica encontra na sociedade a oportunidade de elaboração da práxis de seus conhecimentos, tendo o objetivo de realizar a inserção social nas camadas mais pobres e excluídas da população, levando consigo conhecimentos científicos e tecnológicos que eram reservados somente para o mundo acadêmico. O artigo apresenta uma pesquisa qualitativa, ocorrida entre os anos de 2017 a 2019, relatadas em diário de bordo buscando compreender percursos de vida e atualização dos modos de conviver que pôde ser observado nas ações dos clientes. Esse estudo visa compartilhar um relato de experiência no Projeto de Extensão oferecido pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido, intitulado Programa Oficinando em Rede e Saúde Mental, e sua influência na sociedade compreendendo mudanças cognitivas e afetivas através de tecnologias leves como a pintura em aquarela e a cenopoesia, promovendo uma melhor qualidade de vida aos clientes.

Palavras-chave: Extensão, Cenopoesia, Aquarela.

1. INTRODUÇÃO

A extensão universitária é considerada um dos pilares do ensino superior no Brasil, que fomenta não somente a formação profissional e humanística, mas também a transformação social. (DESLANDES E ARANTES, 2017).

Aproximar discentes universitários da sociedade torna-se sua importância gradativa na contemporaneidade, objetivando a educação futura não apenas no âmbito universitário, mas em sua atuação na modificação da sociedade e do tempo.

Como forma de favorecer a relação aluno-sociedade, faz-se necessário uma política de extensão universitária, que propicie a interação e diálogo entre eles, no intuito de identificar novas ideias, criações, inovações, promovendo ações de extensão, possibilitando novas propostas sociais, produtivas, técnicas ou tecnológicas que alteram e promovem impacto na vida das pessoas.

As práticas de cuidado na saúde mental constroem-se a partir da experiência do Programa Oficinando em Rede e Saúde Mental na cidade de Mossoró-RN. Contando com depoimentos e relatos vivenciados por clientes atendidos nos Centros de Atenção Psicossocial e estudantes participantes do projeto de extensão.

Esse estudo visa compartilhar um relato de experiência no Projeto de Extensão oferecido pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido, intitulado Programa Oficinando em Rede e Saúde Mental, e sua influência na sociedade compreendendo mudanças cognitivas e afetivas através de tecnologias como a pintura em aquarela e a cenopoesia, promovendo uma melhor qualidade de vida aos clientes.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Programa Oficinando em Rede

O programa de extensão, pesquisa e ensino intitulado “Oficinando em rede e saúde mental” é um programa que teve início em meados de 2004, na cidade de Porto Alegre – RS. Construído por Cleci Maraschin e alguns colaboradores, inicialmente com atividades no Centro Integrado de Atenção Psicossocial (Ciaps) do hospital psiquiátrico de São Pedro. O programa envolve a integração de tecnologias leves no trabalho realizado em parceria com as comunidades e os serviços de saúde mental. (RICKES; MARASCHIN, 2011)

Em janeiro de 2012 inspirada pela experiência desenvolvida no CAPS, a professora Karla Demoly, inicia na cidade de Mossoró-RN no Centro de Atenção Psicossocial Infância e da Adolescência (CAPSi), o programa Oficinando em rede e saúde mental em Mossoró, dando início a projetos como “Tecendo Redes de Cuidado e

Aprendizagem”; “*Oficinando com artes, fotografia, vídeo na saúde mental*”; “*Oficinando com jogos digitais na saúde Mental*” a partir do ano de 2015. Os projetos desenvolvidos têm por objetivo em comum a experimentação de diferentes linguagens como: Pintura, teatro, cirandas, brincadeiras e tecnologias da informação e da comunicação no campo da saúde mental, em ambientes que atendem a comunidade como um todo, ex: crianças, jovens, adultos e idosos que vivem em diferentes circunstâncias de sofrimento psíquico. (DEMOLY, 2017).

No ano de 2017 o programa *Oficinando em rede* amplia seus horizontes para dois novos CAPS: Centro de Atenção Psicossocial Enf Mariana Neumam Vidal da Costa e CAPS II: Centro de Atenção Psicossocial Antônio Herculano Soares de Oliveira. Permanecendo com oficinas no CAPSi: Centro de Atenção Psicossocial da Infância e da Adolescência.

O programa *oficinando em rede* reúne-se semanalmente em Mossoró nos CAPSs e para continuidade do projeto com pesquisas e extensão, o referido programa conta com bolsistas e docentes de áreas distintas como: Bacharelado interdisciplinar em ciência e tecnologia, Engenharias, Direito, Computação, Medicina, Licenciatura em educação do campo, e Administração de uma Universidade Federal de Mossoró-RN.

As linguagens aqui citadas utilizadas nas oficinas com os clientes (Pessoas atendidas no contexto da saúde Mental) é um fator determinante e de extrema importância na diferença entre esse projeto e as diferentes comunidades, artistas e clientes que fazem parte do programa. Considera-se a princípio o engajamento dos seus participantes no fazer das artes e atos cenopoéticos.

2.2. Extensão Universitária e a Engenharia

O objetivo da educação do futuro não está em adequar somente os estudantes para o mercado de trabalho, mas também permitir que eles atuem na modificação da sociedade e do seu tempo. Oferecer novas modalidades de ensino e aprendizagem é responsabilidade das universidades que planejam continuar relevantes nesse futuro. (VILELA et al. 2016).

Aproximar a universidade da sociedade é uma missão cada vez mais importante na contemporaneidade. Como forma de favorecer essa aproximação, faz-se necessário uma política de extensão universitária capaz de promover ações de extensão que dialoguem e interajam com ela, identificando ideias criativas e inovadores ou mesmo possibilitando arranjos e rearranjos sociais, produtivos, técnicos ou tecnológicos que alterem ou promovam impacto na vida das pessoas e, consequentemente, uma melhor qualidade de vida.

No âmbito universitário uma das grandes preocupações no egresso dos alunos a instituição está diretamente refletida nos esforços das mesmas em agregar a grade curricular dos cursos de graduação existente alguma atividade de extensão a qual possibilite o aluno a desenvolver competências e proporcionar aprendizagem profissional. Através de aulas teóricas é possível obter uma visão diferente para atuação no processo produtivo das organizações, além de compreender e interagir com a sociedade.

A extensão é onde a comunidade acadêmica encontra na sociedade a oportunidade de elaboração da práxis de seus conhecimentos, tendo o objetivo de realizar a inserção social nas camadas mais pobres e excluídas da população, levando consigo conhecimentos científicos e tecnológicos que eram reservados somente para o mundo acadêmico.

Oliveira et al (2013) explica que os cursos de Engenharia, reconhecendo a importância social e técnico-científica de sua atividade-fim, estabelecem alguns objetivos principais no setor da extensão como por exemplo, estimular estudantes e professores para o desenvolvimento de atividades de extensão; Identificar segmentos econômicos, sociais e do setor produtivo onde possam ser desenvolvidas ações de engenharia pelos alunos de graduação; Promover a interação de discentes e docentes com comunidades carentes para viabilização de projetos necessários ao seu desenvolvimento; e Estimular a elaboração de projetos solidários interdisciplinares nos cursos. Oliveira et al (2013) também considera que as atividades de extensão são um meio de envolver estudantes de diferentes cursos e de diferentes níveis e professores em situações da vida da comunidade, com riqueza de detalhes, sentidos e percepções que não são abordados em livros didáticos.

Dessa forma, pode-se perceber uma relevância na aprendizagem profissional pela participação nas atividades disponíveis nas extensões universitárias existentes. Assim, tanto a universidade quanto a sociedade tem um saldo positivo na realização de ações fundamentadas no conhecimento científico e no desenvolvimento sustentável. (OLIVEIRA et al, 2013)

2.3. Cenopoesia na Saúde Mental

O programa *oficinando em rede e saúde mental* organiza-se entre os anos 2015-2017 na forma de oficinas que são pensadas em encontros semanais deicineiros, pesquisadores e professores supervisores de projetos individuais e/ou coletivo de extensão e pesquisa. (DEMOLY; FONTENELLE; CHAGAS, 2017).

No decorrer desses anos, oficinas com computadores, tablets, câmeras fotográficas, tintas, linhas, papeis, cordas tornavam-se presentes nos encontros com os CAPS e tanto a comunidade como os icineiros estavam

familiarizados com as oficinas em questão. O grande desafio foi o de aprender o método do fazer com o teatro, sob orientação de Ray Lima, Junior Santos e inspirados por leitura do médico psiquiatra e ator, Vitor Pordeus (DEMOLY; FONTENELLE; CHAGAS, 2017, deu-se início as oficinas de cenopoesia na saúde mental.

A Cenopoesia na saúde mental teve início no programa Oficinando em rede, podendo-se observar a potência e importância deste novo conceito no modo de lidar com o sofrimento psíquico através das múltiplas formas de linguagem, no expressar e no fazer artístico existente em cada cliente. (DEMOLY; FONTENELLE; CHAGAS, 2017)

Inicialmente construído pelo educador popular em saúde, reconhecido poeta e ator nordestino da região de Icapuí-CE, Ray Lima (LIMA, 2012) juntamente com outros educadores desenvolveram práticas de cuidados repassadas e ensinadas aosicineiros que integram poesia, cantigas, afeto, teatro, brincadeiras, o expressar do ser. A cenopoesia passou a ser parte do oficinando em rede de Mossoró visando possibilitar a inserção de linguagens e tecnologias leves no trabalho da saúde mental. A partir de sua integração as demais oficinas percebe-se a interação dos clientes jovens e adultos que procuram ampliar e interagir criativamente no fazer.

A cenopoesia trouxe ainda o desenvolvimento de práticas de cuidados como o *“corredor de cuidados”* e a *“feira somasempre”*.

O corredor de cuidados (Figura 01) consiste em um corredor formado por filas indianas, onde clientes, colaboradores, pesquisadores interagem entre si independente de suas posições sociais, e/ou psíquicas, trazendo em uma de suas extremidades inicialmente recebendo uma massagem, e passando de olhos fechados pelo corredor, cuidados onde todos dizem aquilo que deseja de bom, ou demonstram de alguma forma todo o carinho e gratidão. Ainda no corredor de cuidados de olhos fechados em sua extremidade final, é acolhido e recebido com abraço e assumindo o lugar do acolhimento. As experiências descritas por todos que passam é de renovação das energias, e o acolhimento e sentimentos bons transpassados a cada passo dado no corredor de cuidados.

Figura 01: Corredor de cuidados VII jornada de saúde mental (Ray Lima canta enquanto acontece o cuidado em si e no outro)



Fonte: Arquivo do programa oficinando em rede (2018)

O Corredor de Cuidados é uma vivência trabalhada na Educação Popular em Saúde há muitos anos. Os responsáveis Vera Dantas e equipe solicitam para todos e todas formarem duas filas, um/a em frente ao/à outro/a. Um chocalho cheio de sons e energias animam os participantes e membros da equipe com suas mãos, perfumes de plantas medicinais preparam espiritualmente cada uma, cada um, fazendo pequenas massagens. Depois, um a um, adentra-se e passa-se no corredor humano, olhos fechados, bem devagar. Os que estão no corredor fazem gestos de afeto, oferecem ao que caminha o melhor de si: gestos, toques e palavras amorosas de cuidado vão compondo o ambiente sensível dos cuidados na saúde mental. Ao final, quem já passou pelo Corredor abraça quem vem chegando. Depois, em uma roda de conversa, os participantes poderão narrar como se sentiram e, assim, favorecem à equipe e a todos novas aprendizagens.

A feira Somasempre (Figura 02 e 03) é uma *“feira”* onde todos passam seus conhecimentos de cuidados, seja por brincadeiras ou artesanato, ou poesia. Com muita brincadeira e cirandas, a feira é uma soma de conhecimentos, práticas de cuidados e acolhimento para todos que participam.

Figura 02: Feira Somasempre (Na imagem ciranda, realização do teatro do oprimido com a presença de Vitor Pordeus, e barraca do teatro onde foi realizado jogos para atores e não atores baseado no livro de Augusto Boal)



Fonte: Arquivo do Programa Oficinando em Rede (2019)

Ray Lima, educador popular em saúde, assim descreve a Feira do Soma Sempre (Figura 03): “*Quem vai à Feira do Soma Sempre deve ter em mente que na vida (sistema livre, fluido em rede-roda aberta) nada se perde, onde ninguém prospera sozinho “parado esperando a morte chegar”. Ali ou aqui ninguém espera, conquanto tudo se espera do encontro com o outro. Cada um age e interage o tempo todo no sentido de construir novas possibilidades de ser e agir (com outros), em busca de novo ser e ser de novo enriquecido, recriado, seja em sua organização, no trabalho, na escola; seja na praia, na igreja, no estádio, na praça, no campo ou na cidade.*

Quando uma prática vira experiência e, por sua vez, está se transforma em conhecimento, em saber, significa que mais do que atores nos tornamos também autores do processo da vida e da história humana que expande para além de nós no tempo-espaco das relações que nos metemos. Por isso, acreditando que todos somos portadores de experiência e saber, do mesmo modo temos algo a oferecer e a receber do mundo, de outrem. Sendo assim, ninguém é pobre o bastante para nada ofertar, como ninguém é rico suficientemente para abnegar. Em outras palavras, ninguém absolutamente se basta a si mesmo que independa do convívio ou da interação com o(s) outro(s). A autossuficiência, a penúria, a indiferença e a indisposição não cabem como produto ou valor de escambo na Feira do Soma Sempre e produção do comum. Aqui e lá sempre há o que se apreender, o que dar e receber.

E o receptivo para abrigar tantas práticas, experiências e saberes novos advindos da interação e do compartilhamento com o outro é a nossa estrutura mental e física fluida e livremente distribuída associada à curiosidade como ao desejo de aprofundar nossa humanidade e expandi-la. Aliás, a humanidade já se encontra em nosso meio, basta que a ativemos em nós.

A Feira do Soma Sempre não seria o lugar de produção de estratégias, modos de pensar e agir para lidar ou encarar o advento do buraco negro de um sistema que tudo sabe, tudo pode, tudo controla, tudo possui, acumula, deforma, absorve e devora?

A feira se organiza como movimento em que as comunidades compartilham saberes e experiências e se percebem escutadas a discutir o que estão a aprender nesta busca de promoção da vida no viver com saúde mental”

Figura 03: A grande roda - Feira Somasempre



Fonte: Arquivo do Programa Oficinando em Rede (2019).

2.4. Aquarela na Saúde Mental

A pintura é considerada um veículo através do qual o imaginário pode ser ativado, acessando os conteúdos inconscientes, para que eles possam ser materializados, elaborados e assimilados. Em pinturas de antigos artistas reconhecidos mundialmente, como Da Vinci e Michelangelo, é possível identificar a relação do homem com a religião e como passaram a olhar a si mesmo, valorizando as curvas humanas que antes eram totalmente cobertas. (FONTENELLE, 2018).

Nise da Silveira médica psiquiátrica opôs-se a tratar clientes em sofrimento psíquico utilizando métodos violentos, utilizados na medicina brasileira para pacientes com transtornos mentais. Dessa forma buscando alternativas nas atividades voltadas para a expressividade, o que levou ao diretor do atual Instituto Municipal Nise da Silveira, a fundar a Seção Terapêutica Ocupacional, na qual a médica distribuiu lápis, papeis, pincéis e telas para os pacientes (renomeados de Clientes por Nise), iniciando a humanização e a arteterapia. Para Nise a ideia de inclusão, transformação e cura, através da arte, era pertinente. (FONTENELLE, 2018).

Inspirado no tratamento humanizado por Nise da Silveira, o oficinando em rede passa a oferecer como uma das suas oficinas arte em aquarela.

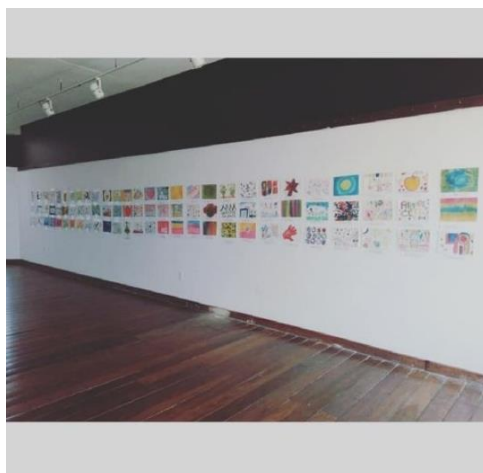
Aquarela é um tipo de pintura realizada com uma tinta resultante de pigmentos de várias cores misturadas, geralmente com goma arábica, e que precisa ser dissolvida em água para ser utilizada. Além da tinta diferenciada, existe o papel utilizado que para o tipo de pintura deve possuir textura e gramatura diferenciada, já que muito fino pode deformar ou rasgar com a água aplicada sobre o mesmo, uma vez que a quantidade de líquido presente no papel determina a variação de tons.

Durante a oficina de aquarelas a pintura é utilizada como expressão de sentimentos e linguagem não verbal, ressaltando alguns exemplos de histórias sobre a arteterapia na vida de pessoas em sofrimento psicológico. Na oficina de aquarela é apresentado a técnica e os materiais utilizados na mesma como:

1. As tintas de aquarela;
2. Os pincéis;
3. Os papéis específicos
4. Potes de água para descansar os pincéis;
5. Esponja para molhar o papel;
6. Tábua de madeira para fixar o papel molhado, antes dos participantes realizarem a pintura.

As aquarelas pintadas durante as oficinas fizeram parte de três Exposições externas (Figuras 04 e 05) das imagens do inconsciente do programa Oficinando em Rede - Grupo doutores da pintura. Sendo duas no memorial da resistência de Mossoró em 2018 e 2019 e outra na biblioteca Municipal em 2019. Foram realizadas também uma exposição em cada CAPS em 2018 (Figura 06).

Figura 04: Exposição das aquarelas do grupo “*Doutores da pintura*”, no memorial da resistência



Fonte: Arquivo do Programa Oficinando em Rede (2017).

Figura 05: Exposição das aquarelas do grupo “*Doutores da pintura*”, na biblioteca municipal de Mossoró-RN



Fonte: Arquivo do Programa Oficinando em Rede (2018).

3. MATERIAIS E METODOS

O presente artigo apresenta uma pesquisa qualitativa, ocorrida entre os anos de 2017 à 2019, buscando compreender percursos de vida e atualização dos modos de conviver que pôde ser observado nas ações dos clientes. Além da importância de projetos de extensão no âmbito acadêmico.

As oficinas de cenopoesia e aquarela na saúde mental funcionam como tecnologias leves em saúde mental, com o objetivo do fazer em coletivo, com a presença da escrita em diários de bordo para registrar os encontros e produções assim como as evoluções dos clientes que participaram das oficinas, além de entrevistas com os mesmos, uma perspectiva dos clientes as oficinas do programa, fazendo uma análise qualitativa mediante ao estudo das recorrências percebidas nas autonarrativas dos mesmos.

Os clientes aqui descritos tomam para si codinomes de pássaros brasileiros, fazendo alusão a forma como se veem a partir do fazer nas oficinas, por sentirem-se livres.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A saúde mental tem sido um tema amplamente discutido no Brasil, e seus paradigmas têm sido constantemente quebrados e novos saberes construídos. As reflexões acerca do campo da saúde mental aumentaram desde que entraram em cena as discussões pela reforma psiquiátrica brasileira. As críticas feitas eram endereçadas principalmente à ciência positivista que legitimou e autorizou o modelo baseado no alienismo e no enclausuramento dos sujeitos ditos doentes mentais (AMARANTE, 2007).

Atualmente, o uso da linguagem artística como forma de intervenção em instituições de saúde mental tem o respaldo de políticas públicas, primeiramente mediante a Lei do SUS nº 8.080 (Brasil, 1990), que prevê a saúde como bem-estar biopsicossocial, garantida por melhores condições de vida que incluem lazer, moradia, trabalho, saneamento dentre outros. A ampliação do conceito de saúde abre possibilidades para pensar os vários aspectos que afetam os sujeitos e a comunidade. O principal marco no campo das políticas públicas que permitiu ampliar as formas de tratamento dos cidadãos em sofrimento psíquico é a aprovação da Lei nº 10.216 (Brasil, 2001), conhecida como Lei Paulo Delgado, que regulamenta os direitos desses indivíduos e prevê formas de tratamento que priorizam a reabilitação psicossocial. (FONTENELLE, 2019)

Nise da Silveira (1981) nos ajuda a pensar sobre o afeto catalisador, confrontando sua própria experiência as antigas formas brutais de atendimento aos clientes com diagnóstico de sofrimento psíquico. Nise nos mostra os conhecimentos necessários para cuidar, escutar e compreender as construções dos clientes que vivem em diferentes circunstâncias. O seu trabalho realizado no Hospício Engenho de Dentro do Rio de Janeiro é reconhecido entre todos os que se dedicam a desenvolver práticas de cuidado através da pintura.

O desenvolvimento de oficinas terapêuticas nos CAPS permite a possibilidade de projeção de conflitos internos/externos por meio de atividades artísticas, com a valorização do potencial criativo, imaginativo e expressivo do usuário, além do fortalecimento da autoestima e da autoconfiança, a miscigenação de saberes e a expressão da subjetividade (MARTINS, 2010)

O programa Oficinando em rede na saúde mental é organizado de forma a oportunizar semanalmente encontros com pequenos grupos de clientes atendidos pelos Centros de Atenção Psicossocial de Mossoró-RN. As oficinas envolvem pesquisadores, profissionais em saúde e estudantes (intituladosicineiros). As oficinas consistem na escuta sensível e atenta de cada cliente em seu percurso e produção que ocorrem na forma da cenopoesia, com cirandas, cantigas, ou da aquarela, com artes em telas.

O presente artigo traz relatos de experiência vivenciados nos CAPS: Centro de Atenção Psicossocial Enf. Mariana Neumam Vidal da Costa e CAPS II: Centro de Atenção Psicossocial Antônio Herculano Soares de Oliveira, localizados nos bairros do Alto da Conceição e Nova Betânia em Mossoró-RN

As oficinas de aquarela deram-se início a partir dos estudos do trabalho de Nise da Silveira, onde foi possível entender que a produção artística dos clientes ou de qualquer outra pessoa vai muito além das representações distorcidas e veladas dos seus sentimentos reprimidos. Como diz a autora, “Uma pintura quase nunca será o mero reflexo de sintomas” (SILVEIRA, 1981).

Com as oficinas de aquarela foi possível perceber a evolução dos clientes e do expressar através das pinturas. Alguns relatos de experiência se fazem presentes sob as oficinas vivenciadas nos anos de 2017 á 2019, clientes relataram a partir da forma como se viam e o que mudou depois do fazer.

“[...]Não direi que sou uma pintora de imagem reconhecida por apenas olhar, pois cada artista tem sua maneira de expressar o que vê e deseja que os outros vejam. Mas, como explicar tão claramente eu não pinto árvore, casas, animais e etc., que sejam vistos no primeiro olhar de um admirador de quadros. Eu pinto árvore, casas, rostos, animais e etc., de uma maneira abstrata onde só uma pessoa que gosta de arte pode ver. Não quero que vejam em mim o que muitas já viram. Quero que vejam nas pinturas o que a alma interior pode enxergar.” (Beija-Flor) – (Diário de bordo 2017 á 2019)

Quando perguntado para Beija-Flor como sentia-se através da aquarela, seu relato foi de se sentir-se viva. É perceptível ainda nos CAPS reflexos do alienismo e enclausuramento proporcionado por décadas pelo antigo manicômio, onde clientes para estar bem precisam de doses de remédios e em sua maioria passam seus dias entorpecidos de medicamentos, do quais não conseguem libertar-se por achar que de alguma forma só estarão realmente bem por conta das doses medicamentosas. As oficinas demonstram outros métodos de reabilitação psicossocial.

“ [...] Uma nova pessoa capaz de seguir meus próprios passos, de sonhar e realizar meus sonhos. Me sinto viva, me sinto uma artista que ama o que faz. Me sinto forte para enfrentar os medos que antes me controlavam, me sinto capaz de criar, de poder ajudar os que um dia foram como eu era antes”. (Beija-Flor) – (Diário de bordo 2017 a 2019)

A mudança na autoconfiança dos clientes, o uso das cores que antes causavam pânico por trazer lembranças que as atormentavam, a confiança da própria família com a mudança perceptível faz com que os clientes se sintam úteis e com autoestima elevada, faz perceber que fazem parte de um todo, que a muito pensavam não existir mais.

“[...] Depois dos Doutores da Pintura me tornei uma pessoa conhecida e isso foi muito bom para minha autoestima. Hoje não me sinto uma simples paciente do CAPS, me sinto uma doutora, não de pessoas, mas da arte, do amor, da descoberta do criar. Me sinto viva e muito feliz. Oficinando em Rede – Doutores da Pintura”. (Beija-Flor) – (Diário de bordo 2017 a 2019)

Nas oficinas de teatro/cenopoesia realizadas no CAPS: Centro de Atenção Psicossocial Enf Mariana Neumam Vidal da Costa, são inspiradas no livro *“jogos para ator e não ator”* do dramaturgo brasileiro e director Augusto Boal. Boal repensou o teatro e criou uma proposta teatral diferenciada, fundando o Teatro do Oprimido. O seu teatro foi pensado para todos, atores e não atores. Durante as oficinas de teatro foram utilizados os diversos jogos e exercícios do Boal.

De acordo com Augusto Boal, o “teatro do oprimido” transforma o espectador em sujeito atuante, fazendo com que o próprio espectador se torne protagonista, conscientizando de sua autonomia diante de fatos cotidianos.

Os clientes em sua maioria sentiam-se reprimidos e envergonhados em realizar os exercícios, assim os oficinairos realizavam em um primeiro momento. Logo cobertos de gargalhadas, sorrisos e coragem, os clientes, um a um, iam inserindo-se nas brincadeiras e logo todos eram atores, e faziam teatro expressando toda forma de pensar, agir e viver.

As oficinas de teatro eram subdivididas em três momentos, o primeiro momento compreendia a escuta sensível e atenta dos clientes, inicialmente os clientes expressavam relatos de como estavam. Nesse momento era perceptível a necessidade que cada um tinha sobre o ser escutado, por muitas vezes em seus relatos, lágrimas se faziam presentes, em sua maioria expressavam-se como descontentes, em muito diziam não se sentir mais úteis para a sociedade pois era dessa forma que pessoas em seu meio os faziam enxergar-se. Após os relatos e a escuta atenta o corredor de cuidados se fazia presente, seguindo de cantigas animadas de Ray Lima como *“eu quero pegar o sol”*. Em um segundo momento as brincadeiras de Augusto Boal davam início ao teatro do oprimido. Os clientes aderem o ritmo do teatro e começam a trazer para a dramaturgia suas próprias verdades, onde o final eles mesmos que eram protagonistas atuantes de suas próprias histórias. Logo em um terceiro momento após cirandas e cantigas, os clientes relatavam o que sentiram após o final de cada oficina.

Em todo o processo muitos informaram o quanto importante o programa oficinando em rede estava sendo para o sentir-se útil, para o “ser protagonista da minha própria história”, a importância da identidade, do chamar pelo nome e o tratamento como igual fez com que a autoestima e autoconfiança de muitos clientes fossem significativas, para alguns a comunicação que antes era reprimida e limitada apenas por gestos tornava-se parceira de conquistas.

Um dos exercícios do Augusto Boal consiste em uma pessoa começar uma história onde encenava e logo após outro já se fazia presente e complementando com criatividade e animação, gestos, sentir e a semelhança com a realidade eram notórios de forma que era possível perceber histórias contadas de seus mais íntimos desejos, desde o querer andar e demonstrar toda gratidão pelo esforço de sua família, até princesa encantada que conseguiu seu final feliz.

O aprendizado através da cenopoesia permitiu aos envolvidos participarem ativamente, tornando-os conscientes de suas próprias autonomias, vivenciando papéis onde não existe distinção de quem é protagonista ou espectador, dando a oportunidade de transformar as cenas em que nelas estão inseridos podendo através da oficina modificar suas próprias realidades.

Um dos eventos tão esperados por todos os clientes é a Jornada do Programa Oficinando em Rede e Saúde Mental (Figura 07). As jornadas acontecem anualmente e integram ações do programa de extensão oficinando em Rede da UFERSA em Mossoró e cidades circunvizinhas. Anualmente uma temática diferente é lançada. As jornadas de estudo estão integradas ao trabalho miúdo, imenso e continuado do fazer junto com artistas, clientes

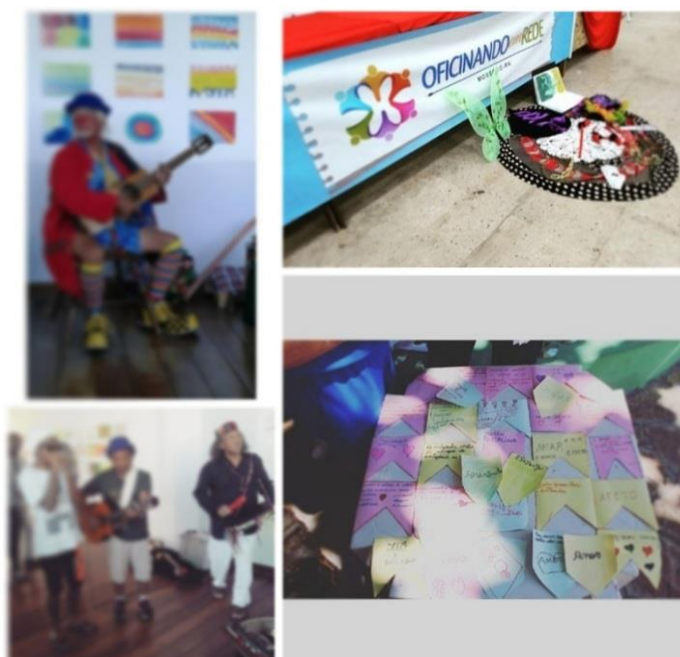
dos CAPS, onde se faz presente, cirandas, corredores de cuidados, brincadeiras de modo a cuidar da saúde mental ao mesmo tempo em que se cuida do mundo que se vive.

Clientes, doutores, autoridades, poetas, cenopoetas, artesãs, atores, alunos, pesquisadores, reunidos com um propósito. Em um ambiente regado de emoções, carinho e afeto, histórias surgem, emoções são apresentadas e representadas. Um resumo de todas as oficinas, trabalho e pesquisa em um só lugar.

O programa oficinas em rede é presente e significativo na evolução do ser em sofrimento psíquico. Nas jornadas abre espaço para relatos, trabalhos e exposições de todos os públicos e alguns relatos de clientes sobre o programa, e sua importância no tratamento de cura e libertação.

“[...] Eu gosto de fazer as pinturas, eu gosto de pinta-las, eu gosto de exibir, porque eu acho importante que a gente faça aquilo que a gente gosta. E exibi-las para o público é gratificante porque você vê cada pessoa observando e dando valor aquilo que você faz. É... eu quero participar assim... A minha vida não é fácil de ser contada, não é fácil de ser explicada, não é fácil de ser falada ao público, [...] Eu quando criança tive um pouco dos meus problemas mentais, tive meus abusivos, teve minhas desconsiderações que eu fui muito desconsiderada quando criança, não vivi uma infância muito boa, não sei muito o que é viver a vida. A maioria das vezes eu passo por ela. Oficinando em rede, foi muito importante para mim, porque desenvolveu mais minha capacidade de me expressar, com esse programa eu consigo falar para as pessoas aquilo que eu guardo pra mim mesmo, e eu acredito ser importante as pessoas saberem um pouco da nossa história. [...]” (Bem-ti-vi) – (Diário de bordo 2017 a 2019)

Figura 07: VIII Jornada Oficinando em rede



Fonte: Autoria própria. (2019)

A extensão é uma via de mão dupla, onde possibilita a interação do meio acadêmico com a sociedade, tendo como princípio básico contribuir para o desenvolvimento e transformação desta. Além de ser fundamental para a formação profissional, o programa oficinas em rede e saúde mental possibilita a inserção da pesquisa e interdisciplinaridade entre o ser e o fazer, contribuindo não apenas nas pesquisas acadêmicas como também na interação com a comunidade. Assim como os clientes, os bolsistas do oficinas em rede relatam sua experiência no programa e pesquisas e projetos relacionando a teoria com a prática.

Para Carcará acadêmico do Curso de Bacharelado em Ciência e Tecnologia o programa possibilitou o aprofundamento de seus conhecimentos sobre “a importância do projeto de extensão em saúde mental no curso de engenharia”.

“Observa que, em geral, os projetos de extensão têm como objetivo preparar melhor os futuros profissionais para as reais demandas da sociedade, fornecendo uma troca de conhecimento entre a comunidade acadêmica e a sociedade. As ações de extensão permitem que os alunos coloquem em prática conhecimentos teóricos vistos em sala e, ao mesmo tempo, a reflexão sobre como a formação do estudante interage com as necessidades das comunidades. Alguns programas de extensão têm nas engenharias uma função diferenciada dos demais, como é o caso do projeto Oficinando Em Rede, por oportunizar uma experiência e estudos que envolvem a dimensão da subjetividade que não é priorizada no currículo de formação, nas disciplinas” (Carcará) – (Diário de bordo 2017 a 2019).

Carcará indica que:

“O programa Oficinando em rede desenvolve mais o lado humano do futuro engenheiro que passa toda uma graduação lidando apenas com números, letras e símbolos, porém passará o resto da vida lidando com pessoas. Considera que, ao integrar as artes e as tecnologias de informação e comunicação, trabalhando com diversos tipos de linguagens: pintura, teatro, jogos, cirandas, o programa ajuda os estudantes bolsistas a desenvolverem as habilidades de comunicação e expressão, o que não se aprende em sala de aula durante sua formação” (Carcará) – (Diário de bordo 2017 a 2019).

Primavera considera que a arteterapia atua como um catalisador, favorecendo o processo terapêutico dos clientes que participam das oficinas de pintura. Como modo de livre expressão do inconsciente, os artistas entram em contato com conteúdos internos e tornam perceptíveis nas telas e nas aquarelas como acontecem as relações entre o mundo interno e externo, seus conflitos e possibilidades de reconfiguração. O estudo de pesquisa realizado por Primavera conta com o aporte teórico de Nise da Silveira e todo o trabalho de Beija Flor artista que integra o grupo “Doutores da Pintura” de um dos CAPS

Pardal é acadêmico do curso de Direito e bolsista PIBIC. Seu propósito é construir conhecimentos sobre a promoção da saúde mental contando com documentos e proposições do campo jurídico. Considera que a universidade pública se sustenta na interseção entre três pilares: o ensino, a pesquisa e a extensão. Desses três, ressalta a extensão que é justamente de onde emergem as perguntas que darão base ao desenvolvimento de pesquisas científicas e a novos conhecimentos que enriquecem o trabalho do ensino.

Pardal considera inicialmente que o programa Oficinando em Rede é um desses projetos de extensão capazes de prover aos seus membros a oportunidade de pesquisar nas mais variadas áreas tangentes ao tema maior: saúde mental. Diversos estudos foram engendrados e concluídos por seus colaboradores docentes e discentes, e o número cresce exponencialmente a cada período encerrado.

João-de-Barro manifesta interesse em estudar sobre as possibilidades do teatro como modo de expressão que favoreça a comunicação e a socialização de crianças autistas atendidas no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e da Adolescência. Entende que, como modo de agir na linguagem, o teatro e tem muito a contribuir para o desenvolvimento da comunicação e socialização de crianças autistas. O objetivo é, com o propósito de oportunizar que essas crianças possam se expressar mais livremente, já que para eles, que vivem em um mundo próprio, o teatro pode ser uma linguagem que favoreça a comunicação e interação entre eles, sua família e a comunidade.

5. CONCLUSÃO

Neste presente artigo, podemos perceber as transformações afetivas e cognitivas, contando com o percurso dos clientes que participaram do programa Oficinando em Rede e Saúde Mental de Mossoró – RN. O artigo tem por base dados coletados através de relato de experiência exercido nos anos de 2017 a 2019.

Oficinas realizadas através da Cenopoesia e artes na saúde mental, um trabalho promovendo a saúde dos clientes, além da possibilidade de experiência no Projeto de Extensão oferecido pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido, intitulado Programa Oficinando em Rede e Saúde Mental, e sua influência na sociedade compreendendo mudanças cognitivas e afetivas através de tecnologias leves como a pintura em aquarela e a cenopoesia, promovendo impacto aos clientes e consequentemente uma melhor qualidade de vida.

O programa Oficinando em Rede e Saúde Mental permitiu através das oficinas ser possível compreender os participantes e a partir delas auxiliar a concentração, memória, linguagem e confiança dos clientes possibilitando

a eles a capacidade de compartilhar emoções, ideias e experiências, além de que trabalhando com diversas linguagens como pintura, teatro, cenopoesia, jogos, o programa auxilia os estudantes bolsistas oficinairos a desenvolverem as habilidades de comunicação e expressão, além de oportunizar uma experiência e estudos que envolvem a dimensão da subjetividade que não é priorizada no currículo de formação das disciplinas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, P. Saúde Mental e Atenção Psicossocial. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2007a.

BOAL, A. 200 exercícios e jogos para o ator e não-ator com vontade de dizer algo através do teatro, 4ªed. Civilização Brasileira, 1989

BOAL, A. Teatro do oprimido e outras poéticas políticas, 6ªed. Civilização Brasileira, 1975

DEMOLY, K.R.A. Linguagens, tecnologias, saúde Mental: Sobre a atenção e cuidado de si e do outro na convivência. In: **Redes de Cuidado e Aprendizagem na saúde mental e na educação**. 1. ed. Ijuí - RS: Unijuí, 2017. v. 1, cap. 1, p. 23-38. (Org.) Karla Amaral Demol.; Maria Aridenise Macena Fontenellee Maria de Fátima Lima Chagas.

DESLANDES, M.S.S.; ARANTES, A.R., **A extensão universitária como meio de transformação social e profissional**. Sinapse Múltipla, 6(2), dez, 179-163, 2017.

Diário de Bordo Mossoró (2017 á 2019)

FONTENELLE, M.A.M. ; LIMA, Q.F. EXTENSÃO INTERDISCIPLINAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA. **CEBEU**, [S. l.], p. 4-5, 11 set. 2018.

FONTENELLE, M.A.M. 1. Exposição de aquarelas dos Doutores da Pintura – Relato de Experiência. **JERPOR2019**, [s. l.], 22 ago. 2019

LIMA, R. Cenopoesia do Brasil. In: **Cenopoesia do Brasil**. [S. l.], 06. 2012. Disponível em: <http://www.cenopoesiadobrasil.blogspot.com/2012/06/musica-de-ray-lima-e-johnson-soares.html>. Acesso em: 11 nov. 2020.

MARTINS, AKL; OLIVEIRA, J.D.; SILVA, K.V.L.G.; MOREIRA, D.A.; SOUZA, A.M.A. Therapeutic workshops in the perspective from CAPS' users: a descriptive study. Rev Enferm UFPE On line. 2010; [citado 2010 jan 15]; 4(1):70-6. Disponível em: <http://www.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/515/443>

OLIVEIRA, V.F; TOZZI, M. J.; ELARRAT, J.H.A. Projetos de extensão na engenharia: uma responsabilidade social para além das demandas. In: Desafios da educação em engenharia: Formação em engenharia, Internacionalização, Experiências metodológicas e Proposições. Brasília:ABENGE, 2013.

RICKES, S.M.; MARASCHIN, C. **Oficinando em Rede: Marcas iniciais de um percurso**. In: OFICINANDO em Rede: Oficinas, tecnologias e saúde mental. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2011. v. 1, cap. 1, p. 19-39.

SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro, Alhambra, 1981

VILELA, A. L. M., VILELA, G. L. S. e LIMA, E. de O.. Ensino a distância para cursos presenciais de engenharia: o caso da escola Politécnica de Pernambuco. In: **Revista de Ensino de Engenharia**. Vol.35 – Número 1. janeiro/junho de 2016. Abenge.